

**Flávia e os gêmeos,
Mateus e Mariana,
de 9 meses.**



VONTADE DE SER

Mãe

Ela sofreu um acidente grave, mas não deixou que isso paralisasse sua vida

POR FABIANA CASO

– **Mãe, vou chegar** por volta da meia-noite. Você me espera acordada? – pediu Flávia, ao telefone.

Ela emendara o feriado de sexta, 12 de outubro, com o da terça seguinte e viajara com o namorado, Waldemar, para São José do Barreiro, na Serra da Bocaina, São Paulo, onde fizeram amigos e passaram ótimos momentos juntos. Agora, Flávia queria contar tudo à mãe, Carmem. E tinha de ser naquela noite.

Carmem se preocupava com o fato de a filha, então com 18 anos, não se importar com as horas de

sono. Ela emendava atividades e muitas vezes voltava de madrugada, apesar de nunca se atrasar para o trabalho na manhã seguinte como secretária de um cursinho de pré-vestibular.

Carmem era professora primária. Ao se separar de Mariano, pai de Flávia, passou a complementar o orçamento fazendo roupas e vendendo *lingerie*, cosméticos e utilidades domésticas para pagar o aluguel. A filha ajudava a cuidar dos três irmãos mais novos. Desde pequena, Flávia tinha vontade de ser mãe. Dizia ter certeza de que teria um menino se ficasse grávida.

Carmem sentia muito orgulho do senso de responsabilidade da filha. Com 1,80 m, cabelos compridos e olhos castanhos brilhantes, Flávia Cintra Campillo também desfilava como manequim. A mãe assistia aos desfiles da primeira filha. Pensava na sorte que era ter tido aquela menina tão especial e linda.

Cerca de seis horas depois de falar com a filha, quando já passava da meia-noite, Carmem deitou na cama arrumada para esperar Flávia e acabou dormindo. E só acordou, sobressaltada, com o toque do telefone e a voz do namorado da filha às três da manhã.

Depois de mais de três horas de viagem, o Escort amarelo de Waldemar e Flávia seguia na Interligação Planalto, que conecta a Rodovia dos Imigrantes com a Anchieta. O tráfego estava livre naquela madrugada de 16 de outubro de 1991. A estrada sinuosa mantinha Waldemar em alerta. A viagem tinha sido ótima e faltavam apenas 25 quilômetros para chegarem a Santos. No banco de trás cochilava o fotógrafo e jornalista Araquém Alcântara, que eles conheceram na viagem e que tinha pedido carona ao casal.

Na saída de uma curva, na altura do quilômetro 4, quando o relógio marcava pouco mais de 1 da manhã, os dois viram um corpo na estrada, ao lado de uma moto caída. Waldemar sentiu as mãos e as pernas agirem por reflexo, pisando forte no freio ao mesmo tempo que girava bruscamente o volante a fim de desviar dos obstáculos. O carro rodou várias vezes e capotou, parando com as rodas viradas para cima.

Flávia sentiu gosto de terra e muita dor no pescoço quando acordou depois de um breve desmaio. Os olhos ardiavam, mas quando tentou esfregá-los, o braço direito não se moveu. Nem o esquerdo. Abriu a boca e tentou chamar o namorado, mas percebeu que a voz saía com dificuldade, num sussurro.

Em poucos minutos, viaturas da Polícia Rodoviária chegaram ao local. Após uma tentativa de desvirar o carro, os policiais acionaram o resgate médico. Foi preciso cortar as feragens. Todos foram levados ao Hospital Assunção, em São Bernardo do Campo. Waldemar tinha escoriações pelo corpo; o fotógrafo quebrou o braço e a mandíbula e teve concussão cerebral; Flávia sangrava muito, com cortes profundos na cabeça e no braço. Tinha muita dor no pescoço e não conseguia se mexer na maca.

Na manhã de quarta-feira, o neurologista explicou aos pais de Flávia que ela fraturara quatro vértebras do pescoço: C4, C5, C6 e C7. “A fratura causou lesão medular, bloqueando a comunicação entre cérebro e corpo. Por isso os órgãos não respondem aos comandos de movimento”, explicou.

A medula é como um fio elétrico – às vezes é possível reconectar os cabos, mas em certos casos, eles são irremediavelmente danificados, como se tivessem sido cortados com tesoura. Mas, mesmo depois de uma cirurgia de três horas, na qual foram retiradas muitas lascas de ossos que estavam na medula na tentativa de devolver a sensibilidade à Flávia, os médicos não podiam afirmar se ela voltaria a andar.



Flávia posa para uma foto utilizada na campanha do Governo sobre a inclusão de deficientes na sociedade.

havia risco de perfuração do esôfago – por isso sentia tanta dor para comer. Mariano vendeu o carro e resgatou dinheiro da poupança para pagar as despesas da filha no Hospital Samaritano, em São Paulo. Ali, Flávia ouviu falar pela primeira vez da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD), entidade de reabilitação sem fins lucrativos fundada em 1950 pelo ortopedista Renato da Costa Bonfim.

Depois do período de recuperação da segunda cirurgia, Flávia voltou para casa e passou oito meses na cama. Como não conseguia fazer nada sozinha, Carmem passou a ficar em casa para ajudar. Forrou o colchão com uma capa impermeável e dava banhos em Flávia na cama. A irmã caçula, Fabíola, alta e forte, ajudava Flávia a mudar de posição. Vendo as dificuldades da irmã mais velha, Fabíola decidiu que estudaria Fisioterapia.

Na época, a AACD tinha apenas uma sede em São Paulo. Apesar da grande procura, Flávia conseguiu uma vaga. A escadaria do apartamento era uma das maiores dificuldades no transporte, mas isso não impedia Carmem de levar a filha até o carro e subir e descer a serra todo dia, passando sempre pelo local do acidente.

Ao longo de um ano, fez sessões de fisioterapia e oficinas de arte, acompanhada por ortopedistas e junto de outros pacientes. No último dia na AACD, quando já se sentava e comandava a própria cadeira, ouviu uma palestra inspiradora do escritor e pintor paraplégico João Carlos Pecci,

– **Mãe, coça o meu nariz?** Mais para a direita...

Flávia só mexia a boca e os olhos. Não podia sequer se sentar. A vida tinha se tornado horizontal. Era estranha a sensação de lhe escovarem os dentes. Mas ela nunca se queixava. Dez dias depois do acidente, ficou surpresa quando o médico avisou que teria alta.

– Mas doutor, ainda não estou andando, nem consigo ficar de pé!

– Sua recuperação não depende mais de mim – disse ele.

De volta a Santos, as dores no pescoço continuavam. Flávia tinha dificuldade para comer. Numa consulta com um ortopedista, soube que uma haste usada para emendar uma vértebra do seu pescoço tinha saído do lugar. Ela voltou à mesa de cirurgia, porque



sobre suas realizações. *Ou fico sentindo pena de mim mesma e esperando um milagre ou continuo a viver e usar meus potenciais*, pensou.

Em Santos, Flávia começou a promover ações: fazia abaixo-assinados para a construção de rampas de acesso em shoppings e na praia. Em 1993, participou do congresso Deficiência e Mídia na capital paulista e se identificou com a discussão: a pessoa com deficiência sempre era mostrada como coitada na imprensa.

Flávia queria ajudar a mudar essa imagem. Foi fazer um curso na ONG Centro de Vida Independente, no Rio de Janeiro. Fundada nos Estados Unidos nos anos 1970 por veteranos da guerra do Vietnã, a entidade defende a conquista da autonomia das pessoas com deficiência por meio dos chamados centros de vida independente (CVIs). O conceito caiu como uma luva para as idéias que Flávia já vinha de-

envolvendo. Ela fundou uma filial da ONG em Santos, onde passou a fazer palestras e trabalhar pela conscientização dos direitos e da possibilidade de vida autônoma das pessoas com deficiência.

O namoro com Waldemar terminou um ano depois do acidente. Aos poucos, Flávia voltou a ir à praia, ao cinema, a barzinhos e baladas com os amigos. Ligava de madrugada, antes de voltar para casa, e Carmem acordava para colocá-la na cama.

Muito popular em Santos, redescobriu formas de vivenciar a sexualidade e o prazer. Perdera apenas os movimentos, mas, com a reabilitação, recuperara a sensibilidade.

Apenas dois anos depois de concluir a reabilitação, foi chamada para dar uma palestra na AACD sobre as próprias realizações, assim como fizera Pecci. Trabalhou por alguns anos na produção do Teleton, programa televisivo para arrecadação de fundos para a AACD – hoje a entidade tem três unidades na capital paulista e, ao todo, oito no Brasil.

Em 1997, Flávia foi selecionada pela ONU, em Washington, para um treinamento de liderança entre mulheres com deficiência em países do terceiro mundo. Aproveitou e foi conhecer Nova York. Viu os ônibus especiais para o acesso de cadeirantes e ficou impressionada com os CVIs nas universidades – os deficientes eram vis-

tos como profissionais aptos para o mercado de trabalho.

De volta ao Brasil, desenvolveu um projeto para universidades brasileiras. Em 1997, a Uni Sant'Anna incorporou a idéia e implantou um centro de informação para a vida independente de cadeirantes, iniciativa inovadora para a época. Dois anos depois, foi assinada a Lei de Cotas, que estipula que empresas com 100 funcionários ou mais reserve de 2% a 5% das vagas para pessoas com deficiência. Aí Flávia mergulhou fundo na questão da inclusão no mercado de trabalho.

Em 2003, foi convidada para ser vice-presidente do Instituto Paradigma, que atua nessa área. Tanto trabalho teve um custo para a vida pessoal. Flávia ficara noiva duas vezes, mas desistira de casar. Os amigos e a família reclamavam que ela estava sempre muito ocupada.

Em 2006, conheceu o advogado Pedro Corradino, contratado pelo Instituto Paradigma para desenvolver projetos de inclusão social. Apesar da atração e de se darem bem, Flávia hesitava: nunca tivera envolvimento afetivo com colegas de trabalho. Demorou até que aceitasse um dos convites dele para ir ao cinema.

O namoro engrenou. Depois de poucos meses, decidiram se casar e programaram a cerimônia para 2007. Pedro reacendeu o desejo de Flávia de ser mãe: ela sentia que tinha encontrado a pessoa certa. Então fizeram uma viagem romântica ao Nordeste e, na volta, ao perceber que a menstruação estava atrasada, Flávia comprou um teste de gravidez. Mal acreditou quando viu que esperava um bebê. O primeiro ultra-som revelou nova surpresa: gêmeos. Flávia e Pedro testemunharam a perplexidade dos médicos, que

(À esquerda)

Flávia faz questão de passear com os filhos; e com a mãe, Carmem, vovó muito "coruja".





Flávia, o marido, Pedro, e os gêmeos: “Tenho muita sorte”, garante ela.

Depois de visitarem muitos consultórios, o casal encontrou a ginecologista Miriam Wali-gora. Ela prescreveu um medicamento anticoagulante para prevenir problemas circulató-rios. O remédio é um dos pou-cos que podiam ser tomados sem efeitos colaterais para ges-tantes. Custava mais de mil reais por mês. Na impossibili-dade de arcar com um custo tão alto, e não encontrando o remédio nos postos de saúde, Pedro escreveu uma carta à Se-cretaria de Saúde de São Paulo e conseguiu receber o medi-camento gratuitamente.

Então o casal atravessou o período com um ritual noturno diário: Pedro passava creme antiestrias na barriga de Flá-

desaconselhavam a gestação e enfati-zavam os riscos. Até amigos e parentes olhavam curiosos a barriga de Flávia.

A gravidez adiantou os planos do casamento. Em janeiro de 2007, foram morar juntos na casa que ela dividia com a mãe e a irmã caçula. Carmem e Fabíola se mudaram para uma casa a três quarteirões da casa de Flávia, o que permitia que também acompa-nhassem de perto a gestação. Como fi-sioterapeuta, Fabíola conhecia outras gestantes cadeirantes e sabia que o principal risco era o de problemas cir-culatórios, como a trombose. Por isso, tratou logo de fazer um curso de dre-nagem linfática. Fazia essa massagem preventiva em Flávia pelo menos uma vez por semana.

via e aplicava uma pequena injeção com o remédio receitado. E tudo cor-reu na maior tranqüilidade, sem pro-blemas circulatórios e nenhuma estria como herança.

Flávia trabalhou até o sexto mês, quando decidiu diminuir o ritmo e re-solver parte dos assuntos em casa. No-tando a escassez de informações sobre o tema, e a surpresa que a gestação causava, o casal decidiu fazer um do-cumentário. Passaram a registrar as cenas da gravidez de Flávia, em par-ceria com cineastas como o amigo e documentarista João Jardim.

No sétimo mês de gravidez, a taxa de glicemia de Flávia alcançou um nível próximo ao da diabete gesta-cional, mas isso nada tinha a ver com

a deficiência física: era excesso de comida. Ela engordara 15 quilos.

Quando entrou no oitavo mês, Flávia sentiu contrações. Em um sábado, chegou a ir para o hospital, mas era alarme falso. No dia seguinte, depois do almoço de domingo com a família, sentiu de novo as contrações, mais fortes. Flávia e Pedro foram novamente ao Hospital São Luiz de São Paulo.

- Vão nascer amanhã, dia 2 do 7 de 2007 - disse ao marido, impressionada com os números.

De cesárea, Mateus chegou primeiro, e em seguida veio Mariana. As células-tronco do sangue do cordão umbilical foram coletadas e congeladas pelo laboratório Cryopraxis para serem utilizadas, se preciso, no tratamento de doenças graves como a leucemia. Se as pesquisas científicas avançarem, quem sabe um dia possam curar até uma lesão medular.

Após alguns minutos, o visitante assimila tanto a visão de Flávia na cadeira quanto as luzinhas coloridas que piscam, indicando o nível da bateria de seu veículo supermoderno. Ela atende o celular, dá instruções para a babá e fala com os filhos de forma carinhosa - tudo ao mesmo tempo. Pedro troca a fralda do sorridente Mateus e, em seguida, verifica a de Mariana. Ele cozinha também. O casal contratou uma babá, que cuida das crianças enquanto

estão fora. Mas Carmem está sempre por perto. A avó faz questão de preparar diariamente a papinha dos gêmeos, que agora têm 9 meses. Flávia coordena todas as atividades no lar: acorda e já pega os dois, dá comida, brinca, escolhe as roupinhas e é muito coruja.

Flávia trafega com desenvoltura sobre as rodas de sua cadeira motorizada. Pode não se mexer do pescoço para baixo, mas não aceitou que o acidente ocorrido há 18 anos paralisasse sua vida. Aos 35 anos, recuperou alguns movimentos dos braços depois de outra cirurgia: come sozinha, escova os dentes e usa o computador. Descobriu uma maneira de segurar os gêmeos nos braços e os amamentou até os 3 meses e meio. Voltou ao peso anterior à gravidez rapidamente e, quando os bebês completaram 6 meses, passou a trabalhar meio período, apesar do aperto no coração por ter de sair de perto dos filhos. Vive o dilema das mães modernas. "Mas a maternidade é a melhor coisa do mundo, um amor diferente de qualquer outro, puro e infinito", garante. "Tenho muita sorte."

O casal filmou o parto e continua registrando as cenas da maternidade de Flávia em parceria com cineastas para o documentário. No momento, buscam patrocínio para entrevistar outras mães e gestantes cadeirantes pelo Brasil.

É MESMO?

Manchete de jornal: "Sem-teto sofrem com falta de moradia."

Sherry Grunder, EUA